

## As noções de discurso para Widdowson e Fairclough

Claudio de Paiva Franco

Mestrando em Linguística Aplicada, UFRJ

**RESUMO:** A noção de discurso não é hegemônica, sendo objeto de divergência entre muitos autores como, por exemplo, Widdowson e Fairclough (Widdowson, 1995, 1996; Fairclough, 1996). Isto se deve pela diferente concepção de linguagem com a qual eles trabalham. É sob essa dissensão, que anuncio de imediato o ponto central a ser tematizado neste trabalho: explicitar alguns pontos centrais que definem a visão de discurso para Widdowson e Fairclough, com base na analítica foucaultiana de poder, comparando as diferentes abordagens da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso, linguagem, poder, Widdowson, Fairclough

## The notions of discourse to Widdowson and Fairclough

**ABSTRACT:** The notion of discourse is not hegemonic, being the object of disagreement among many authors, such as Widdowson and Fairclough (Widdowson, 1995, 1996; Fairclough, 1996). This is due to the different conception of language with which they work. It is under such dissent that I immediately announce the central point to be focused in this work: to make explicit some central points that define the vision of discourse to Widdowson and Fairclough based on Foucault's analytical of power, comparing the different approaches of language.

**KEYWORDS:** discourse, language, power, Widdowson, Fairclough

*O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (Fairclough, 2001[1992]: 91).*

Ao iniciar a tarefa a que me proponho, tomo por base o pensamento de Widdowson sobre o que seja discurso. Para o autor, discurso é, fundamentalmente, uma função da pragmática, ou seja, o processo em que diferentes interpretações são retiradas a partir dos dados textuais. Além disso, não só as convenções do código da língua são relevantes para a construção de sentido no texto, mas também a situação de fala entre os interlocutores, o conhecimento de mundo e de organização textual.

Widdowson (1996) compreende discurso como envolvimento individual. Trata-se do sujeito individual e não do social. Dessa forma, Widdowson não vê o sujeito individual como discursivamente constituído, mas como parte do processo pragmático de negociação de sentido. Ele entende a realização de sentido pragmático como uma simples questão de circunstâncias ou pautada na vontade do indivíduo. No entanto, esse indivíduo não é livre para fazer o que quiser, mas ele é limitado por convenções e regulamentos, e as restrições são estabelecidas em sua iniciativa (cf. Foucault, 1979; Widdowson, 1996).

Ainda segundo a perspectiva de Widdowson, as condições sociais na natureza do discurso não são contempladas e as atividades das pessoas não são determinadas pelas suas lealdades ideológicas.

Em contrapartida a Widdowson, Fairclough chamou nossa atenção para uma série de questões sobre a interação dialética de linguagem e vida social, implicadas em práticas e assuntos políticos. Fairclough, com base em Halliday (1993), diz que discurso é um grande tema transdisciplinar nas ciências humanas e sociais, cujo conceito é amplamente contestado. O autor destaca ainda o papel da linguagem, que é multifuncional, podendo ser usada na manipulação da opinião e do abuso de poder.

Fairclough (1992), segundo a visão foucaultiana de perceber discursos como diferentes formas posicionadas de significarem domínios de prática e conhecimento, desenvolve uma teoria de discurso como luta hegemônica em que poder é exercido para construir a realidade social através de controle intertextual de práticas discursivas. Segundo a crítica de Widdowson (1995), no entanto, essa

forma de definir discurso é estreita em não considerar as características lingüísticas dos textos.

Na sua resposta à Widdowson, Fairclough aponta para a forma como o seu próprio trabalho é centrado na dialética entre estrutura e ação do sujeito no discurso. Fairclough também enfatiza a forma de como o deslocamento de práticas discursivas, manifestadas nos textos que são heterogêneos em forma e significado, pode ser analisado como facetas de processos mais amplos de mudança social e cultural (cf. Fairclough, 1996, p. 55).

Ele contra-argumenta que a posição do Widdowson é "demasiadamente restritiva", especialmente em não abarcar a intertextualidade, que é a chave para fazer o elo entre a tradição Foucaultiana à tradição em lingüística. A noção de que "nenhum texto é uma ilha" chama a atenção para a dependência de textos sobre a sociedade e história preenche a lacuna entre textos e contextos (cf. Fairclough, 1999).

Fairclough ataca a concepção de análise de discurso de Widdowson, pois este a concebe como reduzida à pragmática, sem considerar os processos intertextuais. Aquele, entretanto, reconhece, em princípio, a existência de uma pluralidade de interpretações e, por conseguinte, uma pluralidade de efeitos.

Assim como Fairclough, Lemke (1995a) define discurso como atividade social de construção de significados em contextos onde a linguagem não opera isoladamente, mas em conjunto com outros sistemas semióticos e visuais. Ainda, Lemke diz que o processo de construção do significado é um processo permeado por expectativas sociais e símbolos não verbais.

Lemke (1995a; 1995b) advoga uma perspectiva externalista ao entender práticas sociais e discursivas como práticas materiais, atos do corpo. Isto quer dizer que os sentidos são construídos coletivamente, nas nossas práticas materiais e não na mente. O autor desestabiliza o posicionamento discursivo mentalista, que advém de uma separação entre mente e corpo - dualismo cartesiano -, uma vez que a compreensão da dinâmica social não é contemplada. Essa visão, portanto, separa o indivíduo da sociedade e desconsidera

inteiramente as relações de poder e efeitos ideológicos construídos através da linguagem.

Aproximando-nos do pensamento de Lemke (1995a), não é possível compreender o papel da linguagem, que evoluiu biológica e culturalmente, em nossa cultura ou em nossa sociedade se nos desvincularmos da origem material da linguagem ou de sua integração em sistemas mais amplos de produção de sentidos. Isto significar dizer que movimentos, gestos, posições corporais são atividades humanas que carregam, historicamente, significado. Sob esse ângulo, podemos dizer que atuamos nosso discurso e, por conseguinte, realizamos performances no mundo social.

Chegamos, dessa forma, à visão de linguagem enquanto prática social concreta proposta por Austin (1962). Essa abordagem considera a linguagem<sup>1</sup>, essencialmente, como uma forma de ação, atuação sobre o real, e não meramente de representação da realidade (cf. Marcondes, 1990). Esta perspectiva de linguagem é complementada por Marcondes (1998) ao entender linguagem como um dos principais caminhos de manipulação ideológica.

Esboçadas as concepções de linguagem e discurso a partir da articulação do pensamento de Widdowson e Fairclough, podemos avançar no intento de discutir alguns ganhos epistêmicos ao perceber discurso como prática social, dentre os quais:

1. *Participar dos processos de mudança social.* Trata-se, dessa forma, de linguagem como ação, realização de performances no mundo social. Nesse sentido, segundo Foucault (1979), nossas práticas discursivas não são opacas, mas norteadas por crenças, visões de mundo, ideologias, e são atravessadas, imprescindivelmente, por instâncias de poder. Para ele, o poder não está localizado num ponto específico e não possui uma identidade própria, mas é uma multiplicidade de forças, sempre co-sustentado, socialmente produzido nas práticas diárias;

---

<sup>1</sup> A visão adotada aqui é a de linguagem *em uso*.

2. *Atuar politicamente no mundo social.* Retomando meu argumento anterior, as relações de poder dão suporte a diferentes ideologias, também construídas através do discurso e das práticas sociais, que são mantidas por diferentes grupos com diferentes propósitos. Dessa forma, todo uso da linguagem é político, pois posiciona os atores sociais de forma específica e engendra hierarquias - visão foucaultiana que articula todo conhecimento como sendo posicionado. ;
3. *Construir nossa subjetividade*<sup>2</sup>. É através da linguagem que podemos reinventar nossas práticas e a nós mesmos, pois falar uma língua é uma prática social e uma forma de vida essencial para compreender a ação humana. Com este objetivo, a epígrafe inicial já nos convida a repensar de forma mais crítica que o discurso nos constrói em significado;
4. *Compreender diferenças e alteridades na contemporaneidade.* Percebemos a realidade em sua constante mutação através dos discursos, sócio-historicamente constituídos, dos quais lançamos mão.

E para ampliar um pouco mais a gama de artefatos que enfatizam a natureza do discurso como forma de ação no mundo social, vou relacioná-lo também com a lingüística aplicada (LA) contemporânea. Sob esse ângulo de LA, a linguagem é um componente central, pois consideram-se as práticas sociais das pessoas, suas epistemes, desejos e problemas, criando, por conseguinte, inteligibilidade, compreensões de problemas sociais (cf. Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2006). Como já vimos, a linguagem nos permite a construção da nossa subjetividade, uma vez que falar uma língua é uma forma de vida essencial para compreender a ação humana. Dessa forma, a LA contemporânea, também concebida como indisciplinar ou transgressiva, destrói discursos segmentados, reinventando as práticas e nós mesmos.

Após esse breve panorama teórico, fica claro que linguagem e realidade participam de uma trama indissociável. Para tal, linguagem deve ser entendida essencialmente como uma forma de ação no mundo social que produz efeitos,

---

<sup>2</sup> A concepção de subjetividade adotada aqui é formada no diálogo contínuo entre o "eu" e a sociedade.

prática social que orienta nossas escolhas e nos orienta (cf. Marcondes, 1990; Martins, 2000; Fabrício, 2006). Sob essa ótica, Chouliaraki e Fairclough (1999), em *Discourse in late modernity*, reconhecem a importância social do discurso, não cabendo à linguagem ser isolada das ações, relações sociais etc. Gee (2005), por sua vez, adota o termo “Discurso”, escrito com letra maiúscula e presente na concepção de Fairclough, de modo a integrar linguagem e uma pluralidade de sistemas simbólicos nas práticas sociais. Além do discurso, as práticas sociais engendram ações, escolhas, valores, contextos que constituem, dessa forma, um caminho privilegiado para entender a produção de sentidos no cotidiano (cf. Spink, 1997).

Por fim, filio-me à compreensão de discurso que se alinha a um paradigma socioconstrucionista, construtor da realidade e de sujeitos que atuam na sociedade (cf. Fairclough, 2001[1992]). Tal perspectiva configura uma forma mais interessante de conceber o discurso, um momento entre outros da prática social, permeado por relações de poder (Foucault, 1979). Este viés socioconstrucionista, portanto, nos convida a olhar criticamente para nossas ações do dia-a-dia e nos engajarmos em processos discursivos não de forma bélica, mas de modo a realizarmos performances no mundo social que sejam mais éticas, redirecionando o olhar para o outro.

## REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FABRÍCIO, B. F. *Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso*. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].
- \_\_\_\_\_. A reply to Henry Widdowson's 'Discourse analysis: a critical view'. In

- Language and Literature*, 1996, p. 49-56.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GEE, J. *An Introduction to Discourse Analysis*. London: Routledge, 2005.
- HALLIDAY, M. New ways of meaning: a challenge to applied linguistics. In: *Language in a Changing World, Applied Linguistics Association of Australia Occasional*, 1993.
- LEMKE, J.L. Textual Politics: an introduction. In Lemke, J.L. *Textual Politics: Discourse and Social Dynamics*. London: Taylor & Francis, 1995a, p. 1-18.
- \_\_\_\_\_. Critical Praxis: Education, Literacy and Politics. In Lemke, J.L. *Textual Politics: Discourse and Social Dynamics*. London: Taylor & Francis, 1995b, p. 130-153.
- MARCONDES, D. Apresentação. In Austin, J.L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho, 1990, p. 7-17.
- \_\_\_\_\_. The linguistics analysis of ideology: its relevance and its dilemmas. In: *Lexical Semantics, Cognition and Philosophy*, 1998, p. 235-246.
- MARTINS, H. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. In: *Veredas, revista de estudos lingüísticos Juiz de Fora*, v.4, n.2, p.9-18. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.
- MOITA LOPES, L. P. Lingüística aplicada e vida contemporânea. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- PENNYCOOK, A. Uma Lingüística Aplicada Transgressiva. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- SPINK, M. (Org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- WIDDOWSON, H. Review of Discourse and social change. In *Applied Linguistics*, 1995, p. 510-516.
- \_\_\_\_\_. Reply to Fairclough: Discourse and interpretation: conjectures and refutations. In *Language and Literature*, 1996, p. 57-69.